

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Afetividades, consumos e redes. Um estudo de grupos anônimos voltados para adicções no sexo e ou amor.

Carolina Branco de Castro Ferreira.

Cita:

Carolina Branco de Castro Ferreira (2009). *Afetividades, consumos e redes. Um estudo de grupos anônimos voltados para adicções no sexo e ou amor. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2165>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Afetividades, consumos e redes

Um estudo de grupos anônimos voltados para adicções no sexo e ou amor

Carolina Branco de Castro Ferreira
Unicamp
carolinabcf.uni@gmail.com

Meu nome é J, sou mais um Dependente de Amor e Sexo Anônimo (DASA) em recuperação e só por hoje mantive meu comportamento; na doença eu só pensava nos prazeres da vida, nos prazeres do corpo, e por falar em prazer nada melhor do que o sexo, drogas e rock rol. O sexo que eu gostava de praticar era um sexo animal, um coito irracional em que a mulher não passava de uma fêmea na qual eu a transformava em um depósito de espermas; eu já gostava de sexo pago, pois não havia necessidade de me relacionar com a pessoa e muito menos intimidade, e quando já estava satisfeito ia embora e ela que se virasse. (Trecho de depoimento masculino retirado de “A jornada”- publicação DASA Brasil 10 anos)

Várias mulheres começaram a chegar e três já estavam na sala enquanto eu conversava com D. Ela me explicava o que são as Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA): um grupo de auto-ajuda para mulheres dependentes de relacionamentos que querem parar de tê-los de maneira destrutiva e serem viciadas por eles. D. disse também que este grupo era baseado nos 12 passos e 12 tradições de alcoólicos anônimos e que estes foram adaptados pelo MADA, e que a forma de participação era muito importante, pois “quando eu digo que sou D. e digo que sou uma MADA em recuperação, todas já sabem e todas já se identificam, é pelo fato de

estarem aqui só pessoas que se identificam que o grupo dá certo”. A reunião começa e a coordenadora do dia se apresenta e explica o que é o grupo. As reuniões são ritualizadas e parece haver um padrão para os encontros. As sessões duram em média 2 horas e na primeira parte são lidos trechos de textos (“literatura”) e em seguida é aberto para os comentários das participantes, o tempo de fala é sempre cronometrado. Na segunda parte da reunião as mulheres podem falar e “partilhar suas experiências de sofrimento e dependência”. Há um momento especial para as que estão ali pela primeira vez falem, se apresentem e digam como chegaram ao grupo. (Notas de campo, MADA São Paulo, 20/12/2006)

Esta é minha primeira observação participante no grupo Co-Dependentes Anônimos (CODA). Este grupo se reúne as quartas no salão da igreja N.S. da Pompéia. Eu cheguei com 30 minutos de antecedência e comecei a conversar com o primeiro participante que se dirigiu à sala, me apresentei, falei de minha pesquisa e solicitei, caso fosse possível, assistir a algumas reuniões do grupo. R. respondeu que tudo bem, mas ele teria que consultar a “consciência coletiva”(os outros participantes), mais uma vez, reiterou de forma positiva minha participação, pois são as pessoas que são anônimas, não a “irmandade”. Nós ficamos conversando durante uns 20 minutos até todos (as) chegarem para a reunião. Ele me disse que há 14 anos frequenta concomitantemente grupos anônimos, o primeiro que frequentou foi os Neuróticos Anônimos (N.A), frequentou bastante tempo o DASA, também frequentou os Fumantes Anônimos (F.A) para deixar o cigarro, e há 10 anos frequenta o CODA. Este grupo é frequentado por homens e mulheres e as reuniões também seguem um padrão. A reunião começa e logo o facilitador do dia explica o que é o grupo e a co-dependência: “Co-dependência é a incapacidade de manter e nutrir relacionamentos saudáveis com os outros e consigo mesmo”. Várias pessoas fizeram menção à participação em outros grupos anônimos. As “queixas” sobre relacionamentos afetivos sexuais são muitas e frequentes, contudo os participantes se referem a sofrimentos de natureza diversa: relação pai-filha, com os amigos, no trabalho. (Notas de campo, CODA São Paulo, 17/01/2008)

¹ A partilha é uma categoria êmica que significa compartilhar sua experiência com os outros. Toda vez que um sujeito toma a palavra, ou é sua vez de dar seu depoimento no grupo ele partilha sua experiência de sofrimento ou de descontrole emocional, afetivo ou sexual que funciona como um espelho para a recuperação dos outros adictos. A partilha e ou depoimento podem acontecer no grupo, em conversas on-line ou ainda estarem disponibilizadas nos sites dos grupos.

Introdução

Os trechos acima referidos são parte de minhas notas de campo a partir de observação em três grupos de ajuda mútua anônimos, localizados na cidade de São Paulo/BR e voltados para o controle ou cura de adições relacionadas ao amor e/ou sexo, quais sejam, Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA) e Co-dependentes anônimos (CODA)². O que é ressaltado nestes trechos é a centralidade da motivação dos sujeitos em buscar nestes grupos anônimos apoio para superar/controlar problemas que envolvem dependências e perturbações de ordem psicológica, afetiva e sexual.

Nas últimas décadas, após a Segunda Guerra Mundial, os grupos anônimos de ajuda mútua que surgiram com objetivo de recuperação de indivíduos com vícios e problemas emocionais, proliferaram especialmente nos países ditos “desenvolvidos” (principalmente nos Estados Unidos), e depois no resto do mundo. A condição básica para ser membro destes grupos é de natureza existencial e a filiação aos mesmos se dá por auto-identificação (MOTA, 2004)³.

Os Alcoólicos Anônimos (A.A), o primeiro grupo deste gênero, desenvolveu o modelo de recuperação e estratégias terapêuticas baseadas em 12 passos e em 12 tradições para que a pessoa dependente de álcool pare de beber. É a partir da propagação dos Grupos de Alcoólicos Anônimos, quando esta organização ultrapassou as fronteiras dos Estados Unidos, que muitas outras denominações de grupos de anônimos foram surgindo. O programa dos 12 passos e 12 tradições fora adaptado por outros grupos que não necessariamente estão relacionados com o alcoolismo, com a permissão do escritório de serviços mundial de A.A (MOTA, 2004).

Atualmente no Brasil, funcionam aproximadamente 17 tipos de grupos de ajuda mútua. Aqui, o primeiro a se formar foi o de Alcoólicos Anônimos, em 1947, sendo que a partir da

² Os grupos que freqüento como parte da pesquisa de campo estão localizados em São Paulo. No entanto, eles estão presentes em várias capitais e cidades consideradas centros urbanos (Campinas, São José dos Campos, Santos, dentre outras). Em São Paulo eles mantêm encontros em diferentes bairros da cidade. O Grupo MADA que tenho freqüentado se reúne as terças, quintas feira e aos sábados numa sala nos fundos da Igreja do Perpétuo Socorro, no bairro Jardins na capital paulista (Rua Sampaio Vidal, próximo à Avenida Faria Lima). No prédio nos fundos desta igreja há um salão de festas e uma série de salas nas quais vários grupos anônimos realizam suas reuniões semanais. O DASA que tenho contato é o que se reúne as quartas e sábados nos fundos da igreja Santa Tereza de Jesus no Itaim (rua Clodomiro Amazonas) e o CODA se reúne toda quarta-feira na igreja Nossa Senhora do Rosário da Pompéia, no bairro da Pompéia.

³ MOTA, Leonardo de Araújo. *A dívida da sobriedade: a ajuda mútua nos grupos de Alcoólicos Anônimos*. São Paulo: Paulus, 2004.

década de 90, um leque variado de grupos anônimos⁴ passou a existir, e dentre estes, os que se pautam em adições relacionadas ao sexo e ao amor.⁵

No final de 2006, realizei um pré-campo exploratório entre os grupos anônimos de ajuda mútua, o que me permitiu tomá-los como redes de sociabilidade pelas quais circulam pessoas, sentidos e significados. Sendo assim, resolvi “seguir” a rede. Foi então que passei a frequentar as reuniões das *Mulheres que Amam Demais Anônimas* (MADA), os *Dependentes de Amor e Sexo Anônimos* (DASA) e os *Co-dependentes anônimos* (CODA) como campos de pesquisa.

Os Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA) se definem como uma irmandade que deve ser freqüentada por homens e mulheres que desejam evitar as conseqüências destrutivas de um comportamento adicto relacionado à dependência por sexo, amor, relacionamentos românticos, emocionais e anorexia sexual, social e emocional⁶.

O grupo anônimo de ajuda mútua *Mulheres que Amam Demais Anônimas* (MADA) segue as orientações do livro *Mulheres que Amam Demais* da terapeuta familiar americana Robin Norwood⁷. As reuniões deste grupo são permitidas única e exclusivamente para mulheres que se definem como dependentes de relacionamentos destrutivos e/ou viciadas em relacionamentos.

Os Co-Dependentes Anônimos (CODA) afirmam ser uma irmandade de homens e de mulheres que tem como finalidade desenvolver relacionamentos saudáveis. A definição de co-dependência, segundo o grupo é a incapacidade de manter e nutrir relacionamentos saudáveis com os outros e consigo mesmo.

⁴Cito alguns exemplos destes grupos que adaptaram os doze passos de Alcoólicos Anônimos para outros fins: Neuróticos Anônimos, Psicóticos Anônimos, Introversos Anônimos, Comedores Anônimos, Narcóticos Anônimos, Devedores Anônimos, Jogadores Anônimos, Fóbicos Anônimos, Al-Anon (Entidade de Apoio aos Familiares e Amigos de Alcoólatras), Fumantes Anônimos

⁵ O grupo Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA), criado em 1976 nos Estados Unidos, surgiu no Brasil em 1993 (<http://www.slaa.org.br/br/index.htm>). Este reúne uma série de “irmandades” afins como Co-Dependentes Sexuais Anônimos (<http://www.cosa-recovery.org>); Sexólicios Anônimos (<http://www.sa.org>); Compulsivos Sexuais Anônimos (<http://www.sca-recovery.org>); Dependentes de Sexo Anônimos (<http://www.sexualrecovery.org>). No entanto, apenas o DASA possui “salas” terapêuticas em vários Estados e cidades brasileiras. Os outros dois grupos que menciono e possuem “salas” terapêuticas em todo o país são os Co-Dependentes Anônimos (CODA) e *Mulheres que Amam Demais Anônimas* (MADA), criados no Brasil na década de 90 (<http://www.codabrasil.org/diag1.htm>; <http://www.grupomada.com.br/site/pagina.php?x=apresentacao&tit=apresentacao>). Também tenho feito pesquisas na internet sobre os Homens que Amam Demais Anônimos (HADA), mas não achei nenhum site oficial de apresentação e localização do grupo. Apenas uma entrevista com Francisco Castro Neto, 51 anos, que afirma ser o fundador do HADA e que se reúnem todas as quartas-feiras, mas não diz onde. No site de relacionamentos Orkut há várias comunidades que debatem o assunto, inclusive uma delas informa que um livro intitulado *Homens que Amam Demais* (HADE-autora Tatyana Ades) será publicado no início do ano que vem. (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=32918192>; <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1098815>; <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=37301819>, dentre outras)

⁶ O grupo define anorexia como a rejeição compulsiva de dar e receber nutrição social, sexual e emocional.

⁷ NORWOOD, Robin. *Mulheres que Amam Demais*. Editora Arx, 1985.

Os dados etnográficos que levantei sugerem que os sujeitos circulam para além destes três grupos que mencionei inicialmente (DASA, MADA e CODA), isto é, eles circulam por uma variedade de outros (*neuróticos anônimos, emocionais anônimos, comedores anônimos, alcoólicos anônimos, narcóticos anônimos, devedores anônimos, dentre outros*). No entanto, há um número significativo de pessoas que dão sentido a sua participação nos grupos anônimos a partir da frequência nestes três que citei. Algumas frequentam mais um do que outro, mas a grande maioria já circulou entre os três.

Além disso, eles (as) dominam as definições e categorias empregadas pelos grupos, quero dizer, todos (as) sabem o que é *co-dependência*, o que é um *co-dependente*, o que é uma *mada* ou um *dasa*⁸ e utilizam estas definições e entendimentos para explicarem suas *aflições* em qualquer grupo que estejam.

Aqui é importante destacar que penso à maneira de Scott (1998)⁹, não em pessoas/indivíduos que *têm experiência*, mas sim, em *sujeitos constituídos a partir da experiência*. Nesse sentido tornou-se relevante para esta pesquisa mapear/historicizar a categoria/o surgimento da noção de *co-dependência/ adicção/ compulsão/ doença* relacionadas com sexo, amor e afetividades em geral, pois estas aparecem como co-relatos, sinônimos nas narrativas das pessoas, bem como nos textos e materiais que os grupos produzem e consomem. Mesmo ainda não dispo de uma sistematização completa sobre o surgimento destas categorias, eu levanto a hipótese, a partir de dados etnográficos e teóricos que o aparecimento destas categorias se deu na década de 60 e consolidaram-se como categoria explicativa na década de 70.

A reflexão de Hacking (2001)¹⁰ sobre a constituição da categoria de abuso infantil me auxilia de três formas. Primeiro, para pensar as “figuras do discurso”. Este autor argumenta como houve uma mudança histórica da noção de “crueldade infantil” para a de “abuso infantil” que implicou uma mudança de noções de risco e poluição, outros direcionamentos de classe, a consolidação do abuso infantil como categoria médica e a ligação metonímica de abuso e incesto. Isso se deu a partir de tecnologias discursivas e técnicas como exames, pesquisas para “mensurar” o problema, dados quantitativos, tentativas de definições precisas de diagnosticar o abuso, noções universalistas de objetividade e exportação desta categoria para outros países. Para ele a noção de abuso infantil pode ser pensada como uma metáfora em potencial

⁸ É comum nos grupos os sujeitos dizerem seus nomes e se apresentarem como um co-dependente, um dasa ou uma mada em *busca de recuperação*..

⁹ SCOTT, Joan 1998: A invisibilidade da experiência. Projeto História. Cultura e Trabalho. PUC –SP. São Paulo, n.16, fev/98, pp. 297-327

¹⁰ HACKING, Ian. The social construction of what?Harvard University Press, 2000

justamente porque esconde o seu uso como metáfora. Ainda, o poder desta categoria está em conseguir reunir muitas outras frequentemente pela metáfora.

Eu ainda não disponho de dados suficientes nesta etapa da pesquisa para sistematizar o que poderiam ser “as figuras do discurso” relacionadas à *co-dependencia/addicção/compulsão/doença*. Mas, ao olhar para as prateleiras das livrarias encontramos uma infinidade de livros de auto-ajuda que operam muito com estas categorias, se listarmos os serviços de ajuda psicológica/psiquiátrica e terapêutica estas noções também estão presentes, e ainda, há uma popularização destas noções pelas diversas mídias. Também as noções de *addicção/compulsão* operam de modo semelhante a de abuso infantil conforme descrita por Hacking (2001), elas podem referir-se a muitas coisas diferentes em contextos diferentes. Ao olhar para o variado leque de grupos anônimos que operam com estas categorias de *addicção* e *compulsão* podemos inferir que elas também guardam um potencial metafórico.

Nesse sentido, é que principalmente as categorias de *addicção* e *compulsão* podem ser tudo e serem poucos explicativas. Por isso, entender o fluxo de sentidos, significados e pessoas que circula entre os grupos é importante para entender estas noções em contextos específicos, bem como a rede de sociabilidade que se estabelece entre os grupos que são relevantes no processo terapêutico que os grupos pretendem, bem como para entender a idéia de anonimato.

Outro ponto, é pensar a constituição destas categorias (*co-dependencia/addicção/compulsão/doença*) e como é a partir da criação delas que os sujeitos podem falar de suas experiências e renomear o que até então tinham reprimido. No entanto, isto só é possível porque há um olhar retrospectivo que permite (re)classificar e (re) valorar a experiência da infância como abusiva, no caso de Hacking (2001) de abuso sexual infantil, sendo possível, neste sentido, (re) experiênciá-la. Aqui está o segundo ponto no qual Hacking (2001) me ajuda a pensar. No caso de minha pesquisa eu também penso que seja possível essa (re) organização da experiência a partir do surgimento destas categorias. A partir da entrada nos grupos existe um investimento num auto-conhecimento afim de (re) experienciar e (re) ordenar o passado pelas idéias de *addicção*, *compulsão* e *co-dependência*.

O terceiro ponto que Hacking (2001) me auxilia é refletir sobre alguns dados etnográficos. É recorrente os participantes dos grupos explicarem sua *co-dependencia/addicção/compulsão*, a partir dessa reordenação da experiência mencionada, pelo fato de terem sido abusados sexualmente na infância. Assim, liga-se abuso infantil e *co-dependencia*, pois é muito provável, segundo meus colaboradores, que uma pessoa que foi abusada sexualmente torne-se um “abusador” sexual ou emocional.

Assim, a relação entre co-dependência/addicção/compulsão e o modo como as pessoas circulam nos grupos é relevante porque como mencionei essas categorias tornam-se pouco explicativas à medida que elas englobam tudo, digo uma infinidade de comportamentos. Então, atentar para o modo como as pessoas circulam entre os grupos e como explicam isso é fundamental.

Os dados etnográficos apontam que os sujeitos circulam para além destes três grupos que recortei inicialmente, isto é, eles circulam por uma variedade de outros (*neuróticos anônimos, emocionais anônimos, comedores anônimos, alcoólicos anônimos, narcóticos anônimos*). Contudo, há um número significativo de pessoas que dizem freqüentar os *Devedores Anônimos* por conta de gastos exagerados com o mercado sexual (prostituição, revistas e vídeos) ou por *descontrole emocional*. Esse dado tem me levado a refletir como estas redes de sociabilidade operam com elementos de consumo que criam identidades, estabelecem relações e operam como criadoras de uma ética do consumo emocional e sexual.

1.A construção de uma “irmandade universal” imaginada

O sentido da categoria/noção de *anônimo* passa pelo compartilhamento de uma *experiência* em comum, e não necessariamente pelo fato de não se saber os nomes, ou quem são as pessoas que freqüentam as reuniões. Quando eu falava de meu estudo para pessoas que não participavam dos grupos, e também dizia que coletava os dados pela internet, a partir de comunidades e sites dos grupos, estas pessoas me questionavam: mas como assim? Os grupos não são anônimos?

Mas, para mim fazia todo sentido os grupos disponibilizarem sites e grupos de discussão na internet, pois cada vez mais percebia que isso não comprometia o anonimato. Pois, este está ligado à idéia “dos princípios acima das personalidades” colocado pelo grupo, bem como em aceitar estes princípios e compartilhar sua *experiência de sofrimento* com os outros.

Georg Simmel (1976)¹¹ ao analisar a constituição psicológica e moral do indivíduo num contexto moderno e urbano, afirma que há um aferrimento dos laços sociais de dependência e de pertença. Para ele o contexto moderno/urbano/metropolitano é caracterizado por uma sensação de desprendimento e de liberdade que necessariamente não é vivida de forma prazerosa.

¹¹ SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. [1902] In: VELHO, Otávio Guilherme (org) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. pp. 13 – 28.

Além do mais, este homem moderno, habitante dos grandes centros urbanos, é o resultado de processos históricos de desenvolvimento da individualidade os quais o teriam libertado das ligações com a tradição. Segundo o autor após a queda das hierarquias e poderes pessoais a partir de processos revolucionários, desponta o indivíduo que busca um reconhecimento como ser humano igual e livre, bem como sua especificidade na constituição de uma personalidade original. Para o autor, o isolamento e a atitude *blasé* surgem como contraponto fundamental no processo de constituição da individualidade.¹²

Sendo assim, a experiência do anonimato parece estar ligada a um sentimento de pertença, como se, paradoxalmente o sujeito abandonasse um anonimato ligado a atitude *blasé* e à solidão da vida nos grandes centros urbanos e passasse a um anonimato entre iguais, no qual é possível experimentar um “vício” ou adicção sem ser uma “aberração”.

A construção narrativa acerca da experiência do anonimato é sempre uma tentativa de apagar as diferenças entre os sujeitos. Em várias conversas que mantive com os participantes e também nas reuniões, esse anonimato é sempre constituído a partir de uma *igualdade* relacionada à experiência do sofrimento, e esta tem sentido dentro de um discurso terapêutico da *cura, controle da perturbação, da doença* ou dos *padrões de comportamento*.

A narrativa dessa experiência de sofrimento em comum também tenta apagar as diferenças entre os grupos em países diferentes. É *como se* as reuniões, a experiência do anonimato e o sofrimento fossem iguais nos diferentes países nos quais os grupos existem. Nesse sentido, há um investimento discursivo permanente por parte dos sujeitos e do material pesquisado na construção de uma “irmandade universal”. Na minha análise, essa construção se dá pela articulação estabelecida entre tempo/espço e lugar e a relação disso com a noção de adicção no amor e compulsão sexual.

O material etnográfico coletado por mim mostra como as reuniões dos grupos anônimos de ajuda mútua são altamente ritualizadas, configurando-se um *padrão* ou *modelo* para os encontros. Os sujeitos têm um tempo determinado para falar, cerca de 3 a 5 minutos, começam e

¹² Simmel para analisar a constituição psicológica e moral do sujeito moderno parte de um hipotético contínuo entre ambiente rural e espaço metropolitano. Segundo Sahlins (1997) esse contínuo de dicotomias (tradição/modernidade; solidariedade mecânica/orgânica, campo/metrópole, dentre outras) tem sido uma “espécie de dogma” no interior das ciências sociais tradicionais. Eu concordo com Sahlins, e também sou crítica as abordagens que dicotimizam as esferas sociais, no entanto as questões levantadas por Simmel em relação ao habitante dos grandes centros urbanos é de grande valia para pensar a experiência do anonimato. SAHLINS, Marshall. O ‘Pessimismo Sentimental’ e a Experiência Etnográfica: Por Que a Cultura Não é um ‘Objeto’ em Via de Extinção (Parte II). [‘Sentimental Pessimism’ and Ethnographic Experience; Or, Why Culture is Not a Disappearing ‘Object’], 1996] Trad.: Déborah Danowski & Eduardo B. Viveiros de Castro. In.: *Mana: Estudos de Antropologia Social*. [online]. nº 3, vol. 2. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 1997. pp. 103 – 150. [citado 31 outubro 2006] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200004&lng=em&nrm=iso

terminam a “partilha” sempre da mesma maneira - se apresentam ao grupo, dizem quem são: uma MADA, um (a) DASA ou um (a) CODA em recuperação - e se despedem: “só por hoje”, ou “24 horas de serenidade”.

As reuniões seguem sempre um padrão, há o momento da oração da serenidade, o momento de ler a “literatura” (que é um texto escolhido no dia), o momento das partilhas, o momento de ler os “passos” e “tradições” do grupo, o momento da 7ª tradição (que é a contribuição financeira que os participantes podem dar). Bem como, para as pessoas que vão pela primeira vez há uma ocasião especial da reunião para falarem e se apresentarem. As reuniões sempre são facilitadas pelos próprios membros, para isso é necessário ter 3 meses de participação em “sala”, e também há o entendimento de que a “cura” ou “controle” do *sofrimento/perturbação* está no *poder superior*.

Minha análise inicial busca demonstrar como a noção de uma “irmandade universal” só pode ser imaginada porque a discursividade criada pelos grupos opera numa noção de temporalidade que é um híbrido de performance religiosa com modalidades culturais acerca das formas e sentidos atribuídos pelos indivíduos ao “sentimento de si”¹³. É ao construir esse espaço/lugar- a irmandade universal- articulada com a idéia de um tempo “homogêneo e vazio” que é possível apagar as diferenças entre os sujeitos e os lugares, bem como naturalizar e patologizar a noção de adicção no sexo e/ou amor.

É a partir da construção de um lugar- a “irmandade universal”- que toma como espaço o “mundo inteiro”, no qual toda e qualquer diferença é apagada que é possível “fundar”, legitimar a idéia de uma adicção no amor e/ou sexo. Esta adicção é entendida como uma doença que a pessoa deve *controlar*, e uma vez descoberta ela a terá pela vida inteira, como dizem meus interlocutores: *uma vez MADA sempre MADA, uma vez CODA sempre CODA ou uma vez DASA sempre DASA*. Nesse sentido, a relação naturalizada que se estabelece entre lugar, espaço e noção de pessoa deve ser investigada.

¹³ Estas modalidades acerca do “sentimento de si” estão relacionadas com os saberes especializados, tais como psicanálise e psicologia, voltados ao conhecimento do funcionamento do “interior humano”.